CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA CÂNDIDO DE LIMA PINHEIRO

AMOR PARA QUE (M)? PRINCIPAIS FATORES PARA A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELAÇÕES AMOROSAS ABUSIVAS

Juazeiro do Norte
2021

MARIA EDUARDA CÂNDIDO DE LIMA PINHEIRO

AMOR PARA QUE (M)? PRINCIPAIS FATORES PARA A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELAÇÕES AMOROSAS ABUSIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira

Juazeiro do Norte
2021

MARIA EDUARDA CÂNDIDO DE LIMA PINHEIRO

AMOR PARA QUE (M)? PRINCIPAIS FATORES PARA A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELAÇÕES AMOROSAS ABUSIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira

Aprovado em: 06/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira

Orientador(a)

Prof. Esp. Indira Feitosa Siebra de Holanda

Avaliadora

Me. Maria Aparecida Trindade Pereira

Avaliadora

AMOR PARA QUE (M)? PRINCIPAIS FATORES PARA A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELAÇÕES AMOROSAS ABUSIVAS

Maria Eduarda Cândido de Lima Pinheiro[1]
Jéssica Queiroga de Oliveira[2]

RESUMO

Nota-se que as relações abusivas são perpassadas por diversos tipos de violência, sendo essa violência efetivada comumente pelo parceiro, caracterizando um fenômeno frequente nos diferentes grupos sociais. O presente estudo busca compreender quais os principais fatores dentro de uma relação abusiva, sustentam a continuidade dessa relação. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, com caráter sistemático e abordagem qualitativa na qual foram pesquisados artigos nas bases internacionais SAGE, American Psychological Association (APA) e Scientific Electronic Libry Online (Scielo) através dos descritores “intimate partner violence”, “abusive relationship”, “domestic violence” e “leaving”, publicadas nos últimos vinte anos, que corroboram com a temática estudada. Os dados foram interpretados através de uma análise de conteúdo, onde a partir desta foram criadas categorias que demonstram que as diferentes formas de violência e a cultura machista e patriarcal em que se vive atualmente caracterizam-se como os principais fatores para a permanência de mulheres em relações amorosas abusivas.

Palavras-chave: violência contra a mulher; relações abusivas; motivação para deixar o relacionamento.

ABSTRACT

It is noted that abusive relationships are permeated by different types of violence, that violence is commonly carried out by the partner, wich is a frequent fact in different social groups. This study seeks to understand which are the main factors within an abusive relationship that support the continuity of thats relationship. This is a bibliographic research, with a systematic method and qualitative approach, in which articles were researched in international databases SAGE, American Psychological Association (APA) and Scientific Electronic Libry Online (Scielo) using the descriptors "intimate partner violence", "abusive relationship", "domestic violence" and "leaving", published in the last few twenty years, which corroborate with the studied theme. Data were interpreted through a content analysis, Where from this categories were created who demonstrated that the different forms of violence and the sexist and patriarchal culture which we currently live are characterized as the main factors for the permanence of women in abusive relationships love affairs.

Keywords: violence against women; abusive relationships; motivation to leave the relationship,

[1]Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: limaeduarda303@gmail.com
[2]Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: jessicaqueiroga@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta como tema, relações amorosas abusivas, apontando como foco compreender os principais fatores que perpassam a permanência de mulheres em relações amorosas abusivas.

As relações abusivas constituem um debate emergente e extremamente necessário nos dias atuais, tornando-se um tema que vem ganhando destaque nos últimos 10 anos. Barretto (2015), define relacionamentos abusivos como aqueles em que há excesso de poder e controle, levando ao sentimento de posse e consequentemente, na objetificação do outro. Na relação abusiva geralmente acontece um ciclo de violência composto por três fases, sendo eles escala da tensão, explosão da violência e a lua de mel que como todo ciclo, tendem a se repetir (ALBERTIM, 2018). São necessárias diversas estratégias de apoio e enfrentamento para a vítima, no intuito de que a mesma consiga romper este ciclo.

Os papéis sociais de homens e mulheres não são produto de um destino biológico, e sim, antes de tudo, construtos sociais. Esses construtos sociais acabam sendo responsáveis por muitos dos casos de violência e consequentemente de relações abusivas existentes atualmente, tendo em vista que muitas mulheres ainda têm medo dos olhares e críticas da sociedade, no caso de as mesmas realizarem uma denúncia. (KERGOAT, 1996; DOS SANTOS, 2007)

A lei 11340/06 de 07 de agosto de 2006, intitulada Lei Maria da Penha, no seu Capítulo II, Art. 7° dispõe das formas de violência doméstica e familiar contra a mulher. Essas formas de violência, são intrínsecas ao relacionamento abusivo. Dentre as cinco formas de violência em uma relação abusiva, a mais conhecida e apontada pelas vítimas é a física, mas há também a violência moral, contra patrimônio e econômica, sexual e psicológica. Essa última ganha uma proporção maior sobre as demais, por não ser tão reconhecida, embora seja a que se encontra mais presente nessas relações. (BRASIL, 2006)

Por se tratar de um meio menos notável, já que o abuso psicológico não deixa de forma direta, marcas físicas na vítima, o abusador usa de artimanhas para invadir a vida da vítima em todos os segmentos, e inicia modificando hábitos, desde como sua companheira se veste, até com quem ela anda e fala. Para Barretto (2018), esse tipo de violência não só diminui a autoestima, como também causa a sensação de medo a quem a ela está exposto, pois até mesmo sair dessa relação pode trazer prejuízos, visto que, esses abusadores tendem a distorcer a imagem da vítima com injúrias e calúnias.

Segundo Marques (2005), frente ao risco encontrado, naturalmente o sujeito deveria evitar essa situação, entretanto, nesse tipo de relacionamento, observa-se uma recorrência na

violência sofrida pela mulher. Hirigoyen (2006), assinala que muitas situações dentro do relacionamento, impedem que as mulheres se desvencilhem deste, dando como exemplo o fator financeiro.

De acordo com Soares (1999), desvincular a pessoa desse ciclo é um processo árduo, onde a mulher acaba, normalmente, hesitando. Portanto, como enfatizado por Gomes et. al. (2013), dentro desse contexto de abuso, há uma tendência da mulher de se isolar, e com isso há também a perda de sua rede de apoio, tornando-a ainda mais vulnerável para esse abusador.

Soares (2005), aponta que o fim de uma relação abusiva pode durar anos, considerando que muitas mulheres podem continuar com seus companheiros devido à dependência financeira, ao medo de morrer, já que sofrem ameaças, à espera pela mudança do comportamento do companheiro, à vergonha de assumir o fracasso do relacionamento ou à dependência emocional.

Tendo em vista o exposto acima, a pesquisa buscou estudar quais os principais fatores que perpassam a permanência de mulheres em relações amorosas abusivas, tendo como objetivo geral, compreender quais os fatores presentes dentro de uma relação amorosa abusiva sustentam a permanência da mulher nessa relação.

Por se tratar de um tema emergente e atual, sendo presente na vida de muitas mulheres, abordar esse assunto, nesse trabalho, tem uma relevância considerável tanto para informar como para alertar essas características das relações abusivas e quais os principais fatores para a permanência nesse tipo de relação, além de servir para compor estudos a respeito, afim de desenvolver formas ou métodos de trabalhar com essas mulheres que vivem esse tipo de relação.

2 METODOLOGIA

De acordo com Gil (2008), a presente pesquisa é de caráter sistemático utilizando método gráfico através de pesquisa bibliográfica nas bases de dados internacionais SAGE, American Psychological Association (APA) e Scientific Electronic Libry Online (SCIELO), realizando coleta de informação por periódicos dos últimos 20 anos. Foram utilizados métodos sistematizados de busca na literatura científica, com a realização da análise crítica e síntese dos dados e informações selecionados, a partir dos descritores “abusive relationships”, “leaving” “intimate partner violence” e “domestic violence”, no qual se encontram de acordo com a temática da presente pesquisa, foram utilizados como critérios de inclusão artigos que

estivessem dentro dos requisitos citados anteriormente e como critérios de exclusão artigos que não corroboram com a temática da pesquisa.

De acordo com Gil (2008), como as pesquisas se referem aos mais diversos objetos e perseguem objetivos muito diferentes, é natural que se busque classificá-las. Dessa forma, o pesquisador passa a dispor de mais elementos para decidir acerca de sua aplicabilidade na solução dos problemas propostos para investigação. Contudo, a presente pesquisa é voltada para a área de conhecimento das ciências humanas.

Quanto à natureza, classifica-se, portanto em básica pura, que são, segundo Gil (2008), pesquisas destinadas unicamente à ampliação do conhecimento.

No que diz respeito ao seu propósito geral, caracteriza-se em uma pesquisa descritiva, tendo como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Pode ser elaborada também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis, e são em grande número as pesquisas que podem ser classificadas como descritivas e a maioria das que são realizadas com objetivos profissionais provavelmente se enquadram nesta categoria (GIL, 2008).

O desenvolvimento da pesquisa se deu através de revisão bibliográfica, que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), é uma etapa fundamental em uma pesquisa científica e será essencial em todas as etapas posteriores. Por sua vez, a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento de informações da literatura publicada anteriormente sobre o assunto em forma de livros, revistas, jornais, material impresso e acessível ao público em geral. Esse método tem como objetivo fornecer ao pesquisador material que lhe sirva de embasamento teórico para sua investigação.

Em relação a forma de abordagem, a pesquisa é de cunho qualitativo, tendo como finalidade a análise e interpretação de conteúdo, que segundo Marconi e Lakatos (2003), presume uma investigação e compreensão de questões mais detalhadas da complexidade do comportamento humano favorecendo a uma investigação mais profunda sobre atitudes, hábitos e tendências comportamentais.

3. RELAÇÕES ABUSIVAS E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Um relacionamento abusivo é marcado pelo excesso de poder de uma pessoa sobre a outra dentro de um relacionamento afetivo, no qual um parceiro tenta controlar as atitudes e decisões do outro, tentando isolá-lo do convívio com terceiros (MOREIRA, 2016).

Corroborando com o exposto acima, Barretto (2015), aponta que a relação abusiva é aquela onde domina o excesso de poder sobre o outro. É o desejo de controlar o parceiro, de tê-lo para si. Geralmente, esse comportamento começa de maneira sutil e pouco a pouco ultrapassa os limites acarretando sofrimento e mal-estar. É difícil definir quando um relacionamento é abusivo, entretanto, os principais indicativos de uma pessoa abusiva são o ciúme e a possessividade excessiva, desejo de controle sob as decisões e ações do parceiro, querer isolar o companheiro até mesmo do convívio com amigos e familiares e ser violento verbalmente e/ou fisicamente.

Este movimento de violência é sutil e, muitas vezes, imperceptível tanto para o agressor quanto para a vítima, e, com frequência, a vítima tende a justificar o padrão de comportamento de seu agressor (SILVA, 2007).

Como algumas características dos relacionamentos abusivos são romantizadas pela nossa cultura, torna-se difícil para as vítimas entenderem o que acontece com elas, só tomando dimensão da violência quando a agressão além de psicológica passa a ser física (MOREIRA, 2016).

Com frequência a “estratégia” utilizada pelo agressor para desestabilizar a vítima passa pela manipulação emocional e psicológica da mesma para satisfazer todas as suas necessidades de atenção, de carinho e de importância. De forma dissimulada o agressor tenta inferiorizar a vítima, fazendo com que a mesma se torne dependente e se sinta culpada (MADEIRA, 2013).

De acordo com Albertin (2018), a relação abusiva normalmente comporta um ciclo de três fases, sendo eles escala da tensão, explosão da violência e a lua de mel que como todo ciclo, tendem a se repetir.

Na primeira fase, a mulher muitas vezes não tem compreensão da gravidade da violência por se tratar de algo verbal e, em regra, se culpa pela reação do parceiro. Em seguida, na segunda fase, começam a surgir as primeiras agressões físicas e, nesse momento, a maioria já consegue se enxergar dentro de um contexto abusivo e relata a violência em busca de ajuda, entretanto, segundo Chakian (2015), o problema maior encontra-se na terceira fase, que é a lua de mel, quando o agressor pede desculpas, muda de comportamento e a mulher acredita que o parceiro melhorou e que o abuso não irá se repetir.

A lei 11340/06 de 07 de agosto de 2006, intitulada Lei Maria da Penha, no seu Capítulo II, Art. 7° dispõe das formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, sendo elas:

> I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
> II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos,

> crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;
> III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;
> IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
> V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Essas formas de violência, em maior ou menor grau, são intrínsecas ao relacionamento abusivo.

De acordo com Hirigoyen (2006), a violência física é a mais notada, apesar de, na maioria das vezes, não acontecer nos primeiros momentos, sendo, no geral, uma sucessão das outras formas de violência descritas.

Na violência psicológica, por se tratar de um meio menos notável, já que o abuso psicológico não deixa de forma direta, marcas físicas na vítima, o abusador usa de artimanhas para invadir a vida da vítima em todos os segmentos e inicia modificando hábitos, desde como sua companheira se veste, até com quem ela anda e fala. Para Barretto (2018), esse tipo de violência não só diminui a autoestima, como também causa a sensação de medo a quem a ela está exposto, pois até mesmo sair dessa relação pode trazer prejuízos, pois esses abusadores tendem a distorcer a imagem da vítima com injúrias e calúnias, assim, configurando além da violência psicológica, a violência moral, entendida por Mansur (2016), como uma ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher.

Além destas, a violência sexual, que segundo Mansur (2016), é todo e qualquer ato sexual sem consentimento da mulher, mediante violência, ameaça, coação, força física, ou se a mulher, por algum motivo, não puder oferecer resistência ou reação. Por fim, a violência patrimonial, que, ainda segundo a autora acima citada, ocorre quando o agressor retém, rouba ou destróis objetos, bens, instrumentos de trabalho, documentos pessoais e valores, sendo muitas vezes citada pelas vítimas como fator contribuinte, tendo em vista que muitas passam a depender financeiramente dos agressores.

Segundo Marques (2005), naturalmente, frente ao risco encontrado, o sujeito deveria evitar essa situação, entretanto, nesse tipo de relacionamento, observa-se uma recorrência nessa

violência sofrida pela mulher. Hirigoyen (2006), assinala que muitas situações, dentro do relacionamento, impedem que as mulheres se desvencilhem desse relacionamento, dando como exemplo o fator financeiro.

De acordo com Soares (1999), desvincular a pessoa desse ciclo é um processo árduo, onde a mulher acaba, normalmente, hesitando. Portanto, como enfatizado por Gomes et. al. (2013), dentro desse contexto de abuso, há uma tendência da mulher de se isolar, e com isso há também a perda de sua rede de apoio, tornando-a ainda mais vulnerável para esse abusador.

Soares (2005), aponta que o fim de uma relação abusiva pode durar anos, considerando que muitas mulheres podem continuar com seus companheiros devido à dependência financeira, ao medo de morrer, já que sofrem ameaças, à espera pela mudança do comportamento do companheiro, à vergonha de assumir o fracasso do relacionamento à dependência emocional, financeira ou os filhos.

3.1 A CULTURA PATRIARCAL E SUA INFLUÊNCIA NA MANUTENÇÃO DE RELAÇÕES ABUSIVAS

A partir do conceito atribuído por Weber (2000, p. 184), "chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas". Neste sentido, é na autoridade doméstica e familiar que se fundamenta o patriarcado e como tal, consequentemente, determina uma divisão sexual que Weber (2000), caracterizava como "normal". Dessa forma, nesta divisão e nesta autoridade "normais", "naturais", o patriarcado valida-se.

Alguns fatores contribuíram para o estabelecimento do patriarcado como ordem social situada no controle dos homens sobre as mulheres e na descendência patrilinear. Dentre eles estão o conceito do papel do homem na reprodução, o estabelecimento da propriedade privada, a criação das relações predominantemente monogâmicas e o controle do corpo e da sexualidade das mulheres pela divisão sexual e social do trabalho.

Historicamente, a associação entre família e patriarcado pode ser encontrada na Roma antiga, local onde a família era centrada no homem. O patriarca tinha poder sobre os escravos, vassalos, filhos e claro, sobre a mulher. Sendo assim, é importante pontuar que o patriarcado não se reduz ao poder do pai, mas ao poder masculino, enquanto classe social. De maneira geral, Narvaz e Koller (2006), apontam dois princípios básicos que conduzem o patriarcado: as mulheres estão hierarquicamente dependentes dos homens e os mais jovens dos homens mais velhos. Como implicação, as atividades masculinas têm maior valor que as femininas; a

sexualidade, o corpo e a autonomia femininos estão legitimamente controlados pelos homens (SCOTT, 1995).

O uso do termo patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres admite analisar que a dominação não está presente apenas no âmbito familiar, tampouco na mídia, na política ou no setor trabalhista. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inserido no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais (NARVAZ e KOLLER 2006).

Especificamente no Brasil, o processo de colonização pode ser assinalado por uniões familiares orientadas pelo patriarcado, latifúndio e escravagismo. Assim, a posição da mulher na sociedade e na família, em geral, evidencia que a família patriarcal foi um elemento determinante em nossa organização social. Até as primeiras décadas do século XX, as mulheres brasileiras não tinham garantido ainda os direitos civis dos quais usufruíam os homens. Direitos estes que só foram conquistados através de muito sofrimento e luta (NARVAZ e KOLLER 2006).

Pierre Bourdieu aborda a dominação masculina de forma bastante promissora para abranger a dimensão simbólica, inconsciente e as representações sociais da dominação masculina (BOURDIEU, 2010). Sendo estas representações bastante presentes atualmente, posto que fomentam e sustentam relações de violência. As mulheres sentem-se totalmente submissas aos seus companheiros, pelo simples fato de estarem em uma relação com os mesmos.

Como “a realidade é construída socialmente” (BERGER, 1976, p. 132) e sendo que “as ideias da classe dominante são também as ideias dominantes de cada época, ou, em outras palavras, a classe que detém a potência material dominante da sociedade é também a potência espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 1986, p.11), pode-se concluir que o papel da mulher na sociedade foi erguido pelo homem, classe dominante desde os primórdios da humanidade, em virtude da sua força física. O masculino sempre foi colocado sobre o feminino.

Sob uma perspectiva não durkheimiana, é possível compreender que os papéis sociais de homens e mulheres não são produto de um destino biológico, masque eles são, antes de tudo, construções sociais (KERGOAT, 1996; MATIAS DOSSANTOS, 2007). Sendo justamente esses construtos sociais responsáveis por muitos dos casos de violência existentes atualmente, posto que muitas mulheres ainda têm medo de buscar ajuda e denunciar seus agressores em razão das críticas e dos olhares da sociedade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os artigos foram selecionados de forma sistemática a partir dos seguintes critérios: através dos descritores, “abusive relationships”, “leaving” “intimate partner violence” e “domestic violence”, com pesquisa feitas nas bases de dados internacionais SAGE, American Psychological Association (APA) e Scientific Electronic Libry Online (Scielo) e que tenham sido publicados nos últimos 20 anos (entre 2001 e 2021).

Categoria 1 – As diversas formas de violência como fatores para a permanência de mulheres em relações amorosas abusivas.

Stewart et al., (2012) traz a definição e as formas de IPV (Itimate Partner Violence, em português Violência contra parceiro íntimo), sendo estas divididas em quatro categorias. Como definição, tem-se que essa violência se refere ao comportamento de um parceiro ou ex parceiro íntimo que pode causar problemas físicos, sexuais e/ou danos psicológicos. Os comportamentos considerados como violência incluem agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle. Recentemente, perseguição e abuso financeiro foram incluídos na lista de comportamentos violentos por algumas autoridades.

Os Centros e Controle de Prevenção de Doenças forneceram definições e exemplos de quatro tipos principais de violência, sendo elas a violência física, inclui bater, esganar, morder, empurrar, queimar, arranhar, puxar o cabelo, uso de arma ou de algum tipo de restrições. A violência sexual, inclui atos ou tentativas sexuais forçadas, incluindo atos cometidos quando um dos parceiros é/está incapaz de dar consentimento informado devido a álcool e/ou drogas ou problemas de incapacidade mental. Além disso, a violência sexual pode envolver a exploração de vulnerabilidade econômica, ou de imigração, intimidação ou falsas promessas (de casar, por exemplo) bem como de degradação sexual (STEWART et al., 2012).

A violência psicológica inclui o uso de comunicação verbal e não verbal para prejudicar o outro mentalmente e/ou emocionalmente e/ou exercer controle sobre seus comportamentos e decisões. Jogos mentais, exploração de vulnerabilidade, controle da saúde reprodutiva e/ou sexual, ameaças de violência a pessoas ou animais de estimação, bem como controle coercitivo, o último inclui limitar o acesso a dinheiro, amigos ou família, monitoramento excessivo, ou ameaças de ferir a outros ou a si mesmo. Há ainda, a violência por stalking, que consiste em assistir ou seguir a vítima, enviar excessivas mensagens eletrônicas, espionagem ou danificar algo que seja de propriedade da vítima (STEWART et al., 2012).

A violência pode ocorrer entre gêneros e o termo “parceiro íntimo” não exige que os indivíduos expostos a essa forma de violência tenham um histórico de intimidade sexual ou um

relacionamento conjugal. Afeta desproporcionalmente mulheres e minorias. É considerada uma violação dos direitos humanos que pode resultar em graves problemas mentais e comprometimento da saúde física, incluindo morte. Assim, Stewart et al., (2012) aponta a violência por parceiro íntimo como um grande problema de saúde pública e social global, sendo assim uma situação que deve ser de interesse vital para profissionais da saúde mental.

Os fatores para a permanência de mulheres em relações abusivas é uma questão levantada com frequência em diversas partes do mundo. Nos últimos 30 anos, pesquisas foram direcionadas a esse assunto e a conclusão foi de que há inúmeros obstáculos e os principais deles são emocionais, financeiros e culturais. O término dessas relações depende de vários aspectos e na maioria das vezes não acontece devido ameaças do parceiro abusador, tendo em vista que grande parte dos feminicídios acontecem após tentativa da vítima de romper o relacionamento, medo de não conseguir encontrar um novo parceiro e das críticas da sociedade em geral (PANCHANADESWARAN e MCCLOSKEY, 2007).

É importante salientar, ainda, que o relacionamento abusivo não acaba quando termina, posto que esse tipo de relação deixa inúmeros traumas emocionais na vítima, traumas esses que muitas vezes contribuem para que a vítima volte a relação ou desenvolva um padrão de naturalizar a violência nas próximas relações (GRIFFING et al., 2002).

O estudo feito por Griffing et al., (2002), discorre sobre o quanto o apego emocional contribui para a permanência ou retorno de mulheres para relações abusivas. Esse sentimento tende a deixar a vítima ainda mais vulnerável frente ao término e aumenta as chances de que ela retorne a essa relação.

A violência por parceiro íntimo é considerada um problema de saúde pública nos EUA e Europa, tendo em vista a alta porcentagem de mulheres que já experimentaram alguma relação perpassada por violência advinda do seu parceiro em algum momento da vida. De acordo com Barrios et al (2020), a cultura é um fator que influencia consideravelmente as vítimas a permanecerem em relações em que são vítimas de violência. Ademais, os filhos e a falta de uma rede de apoio ativa também influenciam nesse processo (GRIFFING et al. 2002).

Zink et al., (2015), discutem em seu estudo os vários motivos para a permanência de mulheres nessas relações, corroborando com os estudos já citados anteriormente, a violência psicológica, emocional e financeira emerge como fatores decisivos. Se tratando da violência psicológica, esta é atravessada, ainda, pelos sentimentos existentes entre vítima e agressor, o estudo aponta que algumas das vítimas entrevistadas colocam a questão do apego emocional como fator decisivo para permanência ou retorno a essas relações.

Ademais, o estudo discorre sobre a questão da idade, pontuando que mulheres acima de 55 anos tem mais dificuldade em buscar ajuda, dado o tempo investido na relação. Além disso, algumas das entrevistadas nasceram em uma época em que não se era discutido sobre violência, sendo assim não havia noção do que não era ou não violento em uma relação, dado o sistema patriarcal em que vivemos (ZINK et al., 2015).

De acordo com os resultados de Triantafyllou et al., (2016), mulheres passam o dobro de tempo em relações abusivas do que em relações não abusivas. Filhos e não ter histórico de violência na família, são fatores que contribuem para a permanência na relação. Testemunhar violência entre os pais foi associado a menor duração em uma situação de violência, acredita-se que talvez ter visto os padrões e resultados de relacionamentos abusivos no passado ajudaram essas mulheres a romper o ciclo de abuso mais cedo.

Ter a possibilidade de buscar um serviço de apoio é de extrema importância não só para que as vítimas consigam deixar a situação de violência, mas também para que se mantenham firme na decisão e não voltem para os seus agressores (TRIANTAFYLLOU et al., 2016).

O estudo de Shen (2011), tem como um dos principais resultados o sentimento de culpa e vergonha das vítimas como fator para que elas não busquem ajuda e consequentemente continuem em relações em que há situação de violência.

Storer et al., (2018), ressalta que a saída de uma relação abusiva é um fenômeno multifacetado, que tem a ver não só com fatores internos, mas também externos a vítima, sendo assim caracteriza-se como um processo que na maioria das vezes torna-se difícil e doloroso para a vítima. Além disso, o estudo traz à tona o fato de que muitas vítimas demoram a perceber-se enquanto vítimas de uma relação abusiva devido a comportamentos velados e sutis que não são amplamente discutidos, além de as situações de violência não acontecerem com tanta frequência, o que leva as vítimas a acreditarem na mudança dos agressores.

Patzel (2016), discorre em seu estudo sobre as razões para permanência em relações abusivas de mulheres heterossexuais e lésbicas tendo como principais resultados os sentimentos das vítimas pelos agressores, experiências de algum tipo de violência já vivida anteriormente, a dinâmica da relação abusiva e a dificuldade de reconhecer o parceiro como abusivo. Ademais, o que se concluiu como fatores principais em comum foi a dependência emocional e financeira.

Categoria 2 – A cultura machista e patriarcal como base para relações abusivas

A violência contra parceiro íntimo ocorre em todos os países, culturas, religiões e grupos socioeconômicos do mundo. De modo geral é um fenômeno de gênero, pois as mulheres são desproporcionalmente afetadas, mas pode acontecer também de mulheres com homens e em relações com pessoas do mesmo sexo (Stewart et al., 2012).

Antes da década de 1970, as instituições como um todo defendiam a santidade e privacidade da esfera doméstica. Tribunais, polícia, médicos e família não apoiavam separação em nenhuma hipótese, as vítimas eram sempre orientadas a voltar ao casamento e "fazer dar certo" (ZINK et al., 2015).

Stewart et al., (2012) discorre sobre a subscrição do controle de homens sobre mulheres, advinda da cultura patriarcal, onde masculinidade e dominação estão profundamente vinculadas, e controle, honra e agressão são sugeridos como "papel" do homem sobre a mulher nas relações. Ademais, resistir a violência é colocado, ainda, como uma forma de preservar valores culturais, família e honra.

Bent-Goodley (2007) pontua que a cultura está na raiz dos relacionamentos abusivos e que as questões culturais, apesar de influenciarem diretamente o comportamento dos indivíduos, muitas vezes não são levadas em consideração diante de alguns fenômenos aos quais estão intimamente ligados como por exemplo, a violência dentro de relacionamentos.

A autora pontua, ainda, que é necessário que haja uma maior compreensão dos fatores culturais, para que o seu peso seja transformado em força para que as mulheres consigam empoderar-se e sair ou evitar essas relações (BENT-GOODLEY 2007).

Ainda de acordo com Bent-Goodley (2007), a cultura proporciona uma série de domínios sobre as mulheres vítimas de violência, assim, a cultura emerge como relevante em como as mulheres vivenciam a violência, exigindo atenção para a questão de que não é um conceito ilusório e sim uma realidade que influencia diretamente a permanência de mulheres em situações permeadas pelas mais diversas formas de violência.

O estudo de Ragavan et al., (2014), traz quatro principais fatores para que mulheres continuem em relações abusivas, sendo eles a sua reputação, barreiras estruturais, preocupação sobre os filhos e o reconhecimento pela mulher de que ela cometeu um erro que justifica a violência. Desses quatro, as barreiras estruturais, que remetem a cultura, como a necessidade de proteger a honra da família e não causar constrangimentos aos pais apresentaram-se como fator de mais peso.

De acordo com Barrios et al., (2020) a cultura é um fator que influencia consideravelmente as vítimas a permanecerem em relações em que são vítimas de violência, dado os ensinamentos advindos do patriarcalismo em que mulheres devem servir e aceitar o que vier dos homens sem reclamar, incluindo abusos e violências.

O estudo de Shen (2011), chama atenção para a pressão que as vítimas sofrem para esconder a situação de violência sofrida por causa de barreiras internalizadas e enraizadas advindas da cultura patriarcal em que vivem.

Os estudos de Storer et al., (2018), ressaltam a opinião de líderes religiosos e de alguns familiares mais velhos como negativas no processo de saída de vítimas de violência das suas relações abusivas, tendo em vista que tanto a honra familiar quanto a religião caracterizam-se como pilares fundamentais do patriarcado e funcionam como base para o sustento de relações abusivas.

Categoria 3- Como ajudar no processo de saída de uma relação abusiva?

De acordo com Shen (2011), a maioria das vítimas de relações abusivas ainda tem medo de procurar ajuda formal e especializada, como Delegacias Especializadas e Centros de Acolhimento, em razão do medo de exposição de si e da sua família e das críticas advindas do meio social decorrentes de uma separação.

O estudo realizado por Shen (2011) pontua ainda sobre o fato de algumas vítimas não procurarem ajuda informal da família e amigos por não desejarem preocupa-los e assim, acham que conseguem lidar com as relações abusivas sozinhas.

A vergonha de se reconhecerem enquanto vítimas de violência, o medo de julgamentos tanto das entidades formais como das pessoas próximas e o medo de que o parceiro pudesse vir a cometer algum ato ainda mais violento foram pontuados como fatores para a não busca de ajuda formal e/ou informal diante de uma situação de violência entre parceiros íntimos (SHEN, 2011).

A maioria das mulheres em situação de violência expressam seu desejo de ter o apoio da família e amigos através de afirmação, apreço, incentivo, amor, consideração positiva e validação. As entrevistadas afirmaram desejar também ser tratadas pela família e amigos com compreensão, empatia, escuta e respeito, além de serem adicionadas como contato social para que assim possam ter interações com o meio (TAKET et al., 2014).

O julgamento, culpa, conselhos diretivos, interferência e isolamento social são situações que, vindas dos amigos e da família desestabilizam as mulheres vítimas de violência, as entrevistadas reforçam o desejo de que a família e amigos sejam menos críticos e mais acolhedores (TAKET et al., 2014).

Mulheres que relataram abuso físico não contaram a ninguém sobre o abuso antes, pois não sentem que serão acolhidas diante desse relato e sim, julgadas. As mulheres não querem que sua família e amigos reduzam a sua vida apenas a situação de violência, desejando ainda ser incluídas nas atividades cotidianas e nos seus contatos, tendo em vista que isso oferece as mulheres a possibilidade de ver e serem vistas por outras pessoas (TAKET et al., 2014).

Stewart et al., (2012) aponta a violência por parceiro íntimo como um grande problema de saúde pública e social global, sendo assim uma situação que deve ser de interesse vital para profissionais da saúde mental.

Mulheres que tem apoio de alguma forma, seja ele de uma rede de apoio pessoal ou de políticas públicas está mais propenso a conseguir deixar relações abusivas, tendo em vista a importância de uma rede de apoio sólida e presente para a saída de uma relação abusiva (PANCHANADESWARAN e MCCLOSKEY, 2007).

Diante do exposto, pontua-se a importância de que cada vez mais haja educação em saúde com foco em prevenção e apontamentos sobre a gravidade da violência entre parceiros íntimos e a importância da busca de ajuda formal e informal nesses casos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação abusiva é aquela onde predomina o abuso de poder sobre outrem. É o desejo exacerbado de controlar cada ação da pessoa com quem se relaciona, para assim ter a sensação de que a pessoa é “sua”. Na maioria das vezes o comportamento abusivo começa de maneira sutil e aos poucos ultrapassa os limites considerados saudáveis e passa a causar sofrimento, angústia e mal-estar.

É difícil dizer quando um relacionamento é abusivo, e essa dificuldade perpassa por diversas normas e ensinamentos que fazem com que atitudes de violência sejam aceitas e naturalizadas pois são facilmente travestidas de amor, quando na verdade se tratam de reprodução do machismo estrutural e posse.

Tendo em vista o que foi citado anteriormente, é imprescindível salientar a importância de debater esse tema afim de informar e conscientizar cada vez mais pessoas acerca dessa situação. Para isso, a educação em saúde é uma alternativa que pode ser utilizada como instrumento de educação e conscientização de crianças, adolescentes e adultos sobre violência. Programas de educação podem ser valiosos para ajudar mulheres a evitar ou diminuir o tempo em relações amorosas abusivas. Além de conseguir identificar os sinais desse tipo de relação, é importante que seja ensinado sobre a importância de uma rede de apoio eficaz e eficiente para mulheres que vivem esse tipo de relação.

Ademais, diante do exposto no decorrer do presente estudo, pontua-se que é urgente e necessário que ocorram discussões nos mais diversos ambientes, com pessoas de todas as idades e gêneros sobre machismo e patriarcado afim de desconstruir cada dia mais esse sistema que limita, diminui, violenta e machuca não só a mulheres, mas a todos enquanto sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBERTIM, R; MARTINS, M. **Ciclo de relacionamentos abusivos:** desmistificando relações tóxicas. Santa Catarina, 2018.

BARRETTO, R.S. Psicóloga explica relacionamentos abusivos: o que é e como sair dessa situação? [Entrevista concedida a] **UNESP**. São Paulo, 2015. Disponível em: http://reporterunesp.jor.br/2015/08/20/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-o-que-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/ Acesso em: 15 abr. 2021.

BARRETTO, R.S. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **Revista Gênero**, 2018 v. 18, n. 2.

BARRIOS, V. R; KHAW, L.B.L; BERMEA, A; HARDERSTY, J.L; Future Directions in Intimate Partner Violence Research: An Intersectionality Framework for Analyzing Women's Processes of Leaving Abusive Relationships **Journal of Interpersonal Violence** 1–26, 2020. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0886260519900939. Acesso em: 21 abr. 2021

BENT-GOODLEY, T. B. HEALT DISPARITIES AND VIOLENCE AGAINST WOMEN Why and How Cultural and Societal Influences Matter. **TRAUMA, VIOLENCE, & ABUSE**, Vol. 8, No. 2, April 2007 90-104. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1524838007301160. Acesso em: 02 mai. 2021

BERGER, P. L. **Perspectivas Sociológicas – uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9a ed. Rio de Janeiro: BertrandBrasil, 2010.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Dispõe acerca da Lei Maria da Penha. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 26 abr. 2021.

CHAKIAN, S. Violência contra mulher: do abuso verbal até a morte. **Portal SINDPOLF/SP**, 2015. Disponível em: http://www.portalsp.org.br/index.php/noticiasgerais/noticiasportal/227-cultura-machistaviolencias-verbais-fisicas-e-o-medo-em-denunciar. Acesso em: 16 abr. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4° ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. P., CARVALHO, M. R. S., COUTO, T. M., DINIZ, N. M. F. Violência conjugal e o atendimento da mulher na delegacia e no serviço de saúde. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, 2013. v. 27, n. 2, pp. 146-53.

GRIFFING, S; RAGIN, D.F; SAGE, R.E; MADRY, L; BINGHAM, L.E; PRIMM, B.J; Domestic Violence Survivors' Self-Identified Reasons for Returning to Abusive Relationships **JOURNAL OF INTERPERSONAL VIOLENCE**, Vol. 17 No. 3, March 2002 306-319. Disponível em:

https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0886260502017003005. Acesso em: 20 abr. 2021.

HIRIGOYEN, M. **A Violência no Casal: da coação psicológica à agressão física.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KERGOAT, D. **Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho**. In: LOPES, M. J. M., MEYER, D.E., WALDOW, V.R. (Orgs) Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MADEIRA, C. A Maldade na Violência Psicológica e os seus Reflexos na Saúde. Site **Revista Progredir**, 2013. Disponível em: http://www.revistaprogredir.com/blog-artigos-revistaprogredir/a-maldade-na-violnciapsicolgica-e-os-seus-reflexos-na-saude. Acesso em: 16 abr. 2021.

MANSUR, P. G. M. **Proteja-se contra os diferentes tipos de violência contra a mulher**. 2016. Disponível: http://www.justicadesaia.com.br/. Acesso em: 16 abr. 2021.

MARQUES, T. M. (2005). **Violência Conjugal: Estudo sobre a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos**. 291f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26950 Acesso em: 15 abr. 2021.

MARX, K.; ENGELS, F. **Sobre literatura e arte**. São Paulo: Global, 1986.

MOREIRA, I. **15 Alertas Para Identificar Um Relacionamento Abusivo**. Galileu. 2016. Disponível em:https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/09/15-alertas-para-identificar-um-relacionamento-abusivo.html. Acesso em: 16 abr. 2021.

NARVAZ, M. G; e KOLLER, S. H; Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade [online].** 2006, v. 18, n. 1 Acesso em 31 mai. 2021, pág. 49-55. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007.

PANCHANADESWARAN, S; MCCLOSKEY, L.A; Predicting the Timing of Women's Departure From Abusive Relationships **Journal of Interpersonal Violence** Vol. 22 Number 1 January 2007 50-65. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0886260506294996. Acesso em: 18 abr. 2021.

PATZEL, B. What Blocked Heterosexual Women and Lesbians in Leaving Their Abusive Relationships. **J Am Psychiatr Nurses Assoc**, 2006; 12(4), 208-215. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1078390306294897 Acesso em: 20 abr. 2021.

RAGAVAN, M. I; IYENGAR, K; WURTZ, R. M. Physical Intimate Partner Violence in Northern India. **Qualitative Health Research** 2014, Vol. 24(4) 457–473. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1049732314524027. Acesso em: 03 mai. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez, p.71-99. 1995.

SHEN, A.C; Cultural Barriers to Help-Seeking Among Taiwanese Female Victims of Dating **Violence.Journal of Interpersonal Violence** 26(7) 1343–1365. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260510369130. Acesso em: 03 mai. 2021.

SOARES, M. B. **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 2005.

SOARES, M. B. **Mulheres invisíveis:** violência conjugal e as novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1999.

STORER, H.L; RODRIGUEZ, M; FRANKLIN, R; "Leaving Was a Process, Not an Event": The Lived Experience of Dating and Domestic Violence in 140 Characters. **Journal of Interpersonal Violence, 2018** 1–28. Disponível em : https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0886260518816325 Acesso em: 22 abr. 2021.

STWART, E.D. MACMILLAN, H. KIMBER, M. Recognizing and Responding to Intimate Partner Violence: An Update. **The Canadian Psychiatric Association—POSITION PAPER.** 2012. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0706743720939676 Acesso em: 02 mai. 2021.

TAKKET, A. O'DOHERTY, L; VALPIED, J; HEGARTY, K; What do Australian Women Experiencing Intimate Partner Abuse Want From Family and Friends?**Qualitative Health Research** 2014, Vol. 24(7) 983–996. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1049732314540054 Acesso em: 23 abr. 2021.

TRIANTAFYLLOW, D; WANG, C; NORTH, C. S; correlates of Duration of Intimate Partner Violence Among Women Seeking Services at a Domestic Violence Support Center. **Journal of Interpersonal Violence.** 2016, Vol.1**,** 1–12. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0886260516647522 Acesso em: 22 abr. 2021

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. 3a edição. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ZINK, T; REGAN, S; JACOBSON JUNIOR, C.J; PABST, S. A Qualitative Study of Older Women's Reasons for Remaining in Abusive Relationships **VIOLENCE AGAINST WOMEN**, Vol. 9 No. 12, December 2003 1429-1441. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077801203259231 Acesso em: 21 abr. 2021.